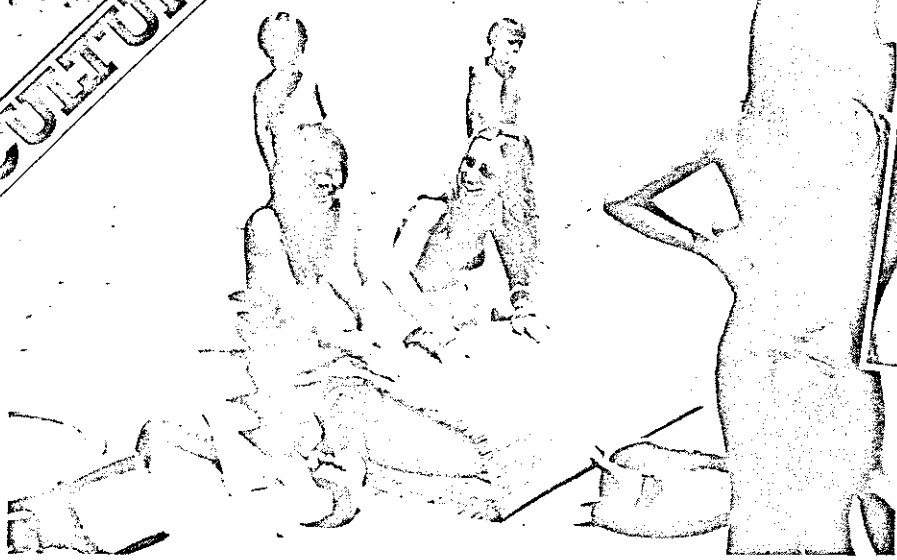


CULTURA



Fotos AIE



Bruna Lombardi,
no Xingu,
e o Aritana da novela:
os índios não pensam
mais em ser figurantes

XINGU, ARITANA ETC . . .

Os índios querem cuidar de suas vidas

Estão irritados com a Funai e com a telenovela da Tupi

Nirla Beirão

A desaprovação que os índios do Parque Nacional do Xingu querem não é exatamente aquela que o senador Petrólio Portella conhece e apregoa. Dias atrás, experimentaram-na, mais uma vez, na prática. Desembarcou no Parque, sob as bênçãos de uma nomeação oficial, o sertanista Apoena Meirelles, filho do valoroso Chico Meirelles, desbravador de matas virgens. Apoena, de bravura comparável à do pai, vinha substituir, como diretor do Parque, Olímpio Serra, afastado após um nebuloso episódio, onde se misturavam Bruna Lombardi de bi-quiní, cameramen, spots e uma epidemia de sarampo.

Apoena Meirelles desembarcava com sua indicação chancelada pelo presidente da Funai, general Ismarth de Oliveira, e legitimada por tudo o que Apoena já fez na preservação e defesa do índio brasileiro. Além disso, contava, em sua comitiva, com dois trunfos: Orlando e Cláudio Villas Boas, ex-diretores do Parque, certamente os dois carísmas de maior ibope entre os selvagens brasileiros.

Não funcionou. Conta *O Estado de S. Paulo* que os xinguanos foram calmamente se aproximando da comitiva, até que um deles tomou a iniciativa de comunicar a decisão da comunidade: os índios não gostaram de virar figurantes de novela de TV (referindo-se a *Aritana*, a novela das 20h40m da Tupi, que teve locações no Xingu, com autorização da Funai e o protesto de Olímpio Serra); não gostaram tampouco da demissão de Olímpio; nem gostaram do fato de não terem sido consultados sobre o futuro diretor do Parque. Disseram que não tinham nada contra Apoena, muito pelo contrário. Mas não aceitavam não, não gostavam.

Domesticados. Tentou-se dissipar o inevitável constrangimento criado, requisitando-se a convincente diplomacia dos irmãos Villas Boas. Afinal, Cláudio e Orlando são quase totens do panteão xinguanos. Há neles, na visão dos índios, algo de sagrado, intocável. Foram eles que, praticamente sozinhos, inspiraram, batalharam, garantiram, em 1961, os 3,2 milhões de hectares que passaram a sediar o Parque Nacional do Xingu, primeira reserva de terra decente assegurada pelos índios. Os Villas Boas continuaram brigando, ainda que perdendo mais do que ganhando (o próprio Parque Nacional do Xingu teve 80 quilômetros quadrados abocanhados ao

norte, para dar passagem à BR-080, Brasília-Manaus). Mas os índios, de qualquer forma, sempre os identificaram com sua causa.

Desta vez, porém, nem os rogos de Cláudio e Orlando deram resultado. Os índios não cederam. O Aritana de verdade, chefe iaulapiti, guerreiro que fez de seu artesanato atração de exposições e bienais e, de seu nome, tema de telenovela, replicou que Olímpio Serra estava sendo "muito bom para índio" e que "não foi índio que pediu para ele sair". E lembrou que foram os próprios Villas Boas que lhes apresentaram Olímpio Serra, dizendo que seria o homem indicado a proteger "a nós, nossos filhos, nossos netos".

O impasse perdurou no absoluto e irrestrito pragmatismo dos xinguanos e na infatigável argumentação dos Villas Boas. Mas os irmãos sertanistas estavam na posição de político de Arena buscando explicação para as eleições de 1978. Os índios foram se irritando. Kanato, pai de Aritana, perdeu a paciência e passou a gritar com os sertanistas. Apoena Meirelles, que assistia à cena com ar vagamente perplexo, resolveu se retirar para o posto Leonardo. Os Villas Boas o seguiram. Magoados, embarcaram de volta, os três, para Brasília, enquanto Orlando prometia nunca mais botar os pés no Xingu. O desabafo do dia seguinte ainda foi mais violento: Orlando acusou Olímpio Serra de "personalismo". E levantou a idéia de que o ex-diretor havia transformado em rebeldes os dóceis, domesticados selvagens do Xingu.

Pontos de audiência. O episódio que nasceu de uma novela sem público parecia, na semana passada, destinado a virar tragédia nacional, com um drástico rompimento entre sarta-

nistas e antropólogos. De longe, esfregavam as mãos de contentamento os inimigos dos índios, desde o ministro Rangel Reis até as multinacionais do gado. Os antropólogos cerraram fileiras ao lado de Olímpio. Os sertanistas retornaram ao cantochão de que, no fundo, os antropólogos querem transformar as reservas indígenas em jardins zoológicos humanos, próprios para tirar fotografias e para inspirar teses de doutorado.

Má hora para se reprisar esta toada. No momento em que ainda paira sobre a cabeça de 150 mil indígenas brasileiros o espectro da "emancipação" por decreto, eis aí um belo flanco de discórdia aberto na barricada dos que ainda teimam em proteger a minoria indígena. Quem não sairia chamuscado desse fogo cruzado, senão os próprios índios?

Por sorte, sinais de concórdia começaram a aparecer ainda no início da semana. Três dos principais chefes xinguanos conseguiram do general Ismarth de Oliveira, em Brasília, a promessa de rediscutir a demissão de Olímpio Serra. Os próprios índios já pareciam dispostos a aceitar Apoena Meirelles como diretor do Parque, desde que ele fosse morar no Xingu com sua mulher antropóloga. Olímpio, de qualquer forma, seria reaproveitado pela Funai, sem punição.

Também os irmãos Villas Boas, já



Fotos AE
Olímpio e Orlando: um foi demitido e o outro diz que não volta mais ao Xingu

mais tranqüilos, voltavam a se movimentar. Tradicionais pacificadores, conseguiram fazer o chefe Aritana sentar diante de um aparelho de TV e assistir à novela da Tupi. Aritana, autor da frase "índio não vê novela", já admitiu, publicamente, que "esta defende terra do índio". É possível até que a Tupi tenha minorado sua habitual mendicância de audiência, graças a um golpe promocional involuntário.

Cobiça. De novo, portanto, índios e brancos caminham para a trilha da paz. Vem sendo assim há cinco séculos. Os primeiros colonizadores horrorizaram-se com esses seres "sem fé e sem rei". Trataram-lhes de incutir a idéia do pecado original e o respeito a um soberano, que trazia, nas suas hostes, o problema da Inquisição. A

história da "pacificação" dos indígenas brasileiros é uma mistura de terror com ingenuidade. Os índios, nesses cinco séculos de contato com a civilização, foram contemplados com doenças venéreas, rádios de pilha e uma dezena de reservas, pálida lembrança de seu território ancestral. E até esses santuários se vêem constantemente cobiçados pelos olhos gordos do latifúndio e dos complexos multinacionais que o milagre econômico fez brotar no Centro-Oeste e na Amazônia.

Os índios foram tratados como crianças de quem se roubava o doce. De repente, decidem tomar seu destino em suas próprias mãos. Esta é uma noção de democracia que a síndrome caipira de conciliação provavelmente jamais aceitará. Os xinguanos querem, pelo menos, decidir quem deve governar a sua própria casa. Já que não são eles, que seja no mínimo alguém de sua confiança. Nem que, para isso, tenham de desagrar autoridades, enfrentar ameaças, despertar desconfianças e até mesmo magoar velhos e verdadeiros amigos. O povo brasileiro deveria pensar nesta lição que vem de quem nem sabe escrever.

Aritana, um débil mental

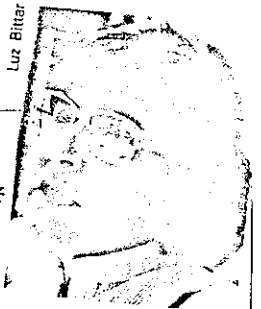
Lux Vidal (*)

Tudo é possível, índio vira novela e novela vira piada. Os autores de Aritana acharam de bom gosto (ou ao gosto do que está aí no ar) informar que antropólogos os haviam assessorado. Estes protestaram, pela simples razão de que a informação não tinha fundamento. Nada mais justo do que a verdade. Mas — pergunto — desde quando as novelas precisam de estudiosos para sua promoção? Será que Aritana deveria ser uma novela de "verdade", enquanto todas as outras são de mentira? Ou será que ela é tanto mentira que precisava de um manto de verdade para apresentar um mínimo de credibilidade? Por que ter-nos usado como uma censura prévia ou algo parecido?

Pensando bem, é uma pena não ter havido diálogo, já que há tantas histórias de índio neste Brasil para serem contadas. São histórias reais, que até parecem novela. Mas que nada, montaram Aritana e alegaram que os antropólogos tinham dito sim antes de a terem visto. O que sempre prevalece é o autoritarismo e esta intolerância

vel propensão a manipular as pessoas.

Onde as coisas ficam mais sérias, porém, e aqui um paralelo entre a novela e o decreto sobre a emancipação do índio me parece bastante válido, é o seguinte: todos estão lembrados de que durante as discussões sobre a "falsa emancipação" os antropólogos ficaram muito apreensivos. Em seguida, representantes do governo e da Funai trataram de acalmá-los; estavam fazendo uma tempestade em copo d'água; nada seria decidido sem consultar os índios, o Conselho Indigenista (escolhido pelo governo), os especialistas no assunto e os antropólogos (todos servidores de confiança). Ora, no caso do afastamento do administrador do Xingu, Olímpio Serra, ninguém foi consultado. E o caso acabou resolvido com uma rapidez sem precedentes numa Funai toda cheia de lentidões burocráticas. Para fim de conversa, o sertanista Orlando Villas Boas esclareceu que o general Ismarth de Oliveira, presidente da Funai, não precisava prestar contas a ninguém. E o general, pego de surpresa, lançou mão de um recurso mitológico: no caso do Parque Xingu, Orlando Villas Boas ti-



Luz Vidal: "É preciso escolher, em arte como em política"

nha um "direito histórico" sobre as decisões a serem tomadas.

Quanto aos atores da novela, possivelmente com boas intenções, estão se enganando a si mesmos. Aritana virou débil mental. Não basta dizer presente a um ato público ou exibir rostos de Fernando Henrique na camiseta. É preciso escolher, em arte como em política. Porque a verdade crua conta o seguinte: foi afastado do Parque Xingu um dos últimos grandes indigenistas, homem sério e sem vaidade e com a capacidade de orientar todos aqueles interessados na defesa da causa indígena. Enquanto isso, Orlando Villas Boas e o general Ismarth, grandes e reconhecidos defensores da causa indígena, asseguram que a novela, na sua reta final, tratará do problema da terra, da defesa do direito à terra do índio. Asseguram que não vão se deixar enganar. Índio vira novela e novela vira piada, mas não percamos a esperança, tudo é possível. E que os assessores fiquem de olho.

(*) Antropóloga da Universidade de São Paulo